O EPITÁFIO SOBRE A AMIZADE

Francine Rojas (PG/UFMS)[1]

Edgar Cézar Nolasco (UFMS)[2]

RESUMO
O presente trabalho tem como objeto o livro ***Cartas perto do coração*** *(2001), com as cartas trocadas entre Fernando Sabino e Clarice Lispector, e propõe investigar questões como: a amizade para além do epitáfio, a qual pressupõe uma ação do crítico que proporcione a sobrevida do amigo, no caso amigos. Nesse sentido podemos falar em camadas de sobrevida, uma vez que ao lançar o livro de cartas em 2001, Fernando Sabino foi o primeiro a proporcionar a sobrevida à amiga, e após o falecimento do escritor mineiro, a pesquisa que desenvolvemos passou a propiciar tal ação. Vale lembrar que a sobrevida é possibilitada também pela amizade entre Fernando, Clarice e eu, mas a relação se dá por meios metafóricos, tal como propõe Jacques Derrida em* ***Políticas da amizade*** *(2003). Um outro aspecto a ser debatido no artigo diz respeito ao gesto de homenagem empreendido, em um primeiro momento, pelo escritor mineiro e posteriormente por mim. Para tanto, o embasamento teórico que permeará o trabalho é a crítica biográfica e a crítica pós-colonial, e alguns dos autores a serem mencionados são, além do próprio Derrida, Francisco Ortega, Eneida Maria de Souza, Silviano Santiago, Walter Mignolo, Edgar Cezar Nolasco dentre outros.*
PALAVRAS-CHAVE*: Amizade. Epitáfio. Sabino. Lispector. Arquivo.*

EL EPITAFIO SOBRE LA AMISTAD
RESUMEN
El presente trabajo tiene como objeto las Cartas de libros cerca del corazón (2001), con las cartas entre Fernando Sabino Clarice Lispector y, y propone temas de investigación, tales como: la amistad más allá de Epitaph, que presupone una acción crítica que proporciona amigo supervivencia, en los amigos de casos. En este sentido podemos hablar en capas de supervivencia, desde el lanzamiento de las listas de libros en 2001, Fernando Sabino fue el primero en proporcionar una cuerda de salvamento a los amigos, y después de la

[1]Graduada em Letras em 2013 na UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), campus Grande Grande, habilitação Português/Espanhol. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Comparada, atuando, principalmente, nos seguintes temas: Sabino, Lispector, cartas, literatura e pesquisa, cultura, discurso, linguagem, e história. Atualmente desenvolve pesquisa, como bolsista CAPES, à nível de mestrado, sobre a amizade de Fernando Sabino e Clarice Lispector, denominado "Fernando Sabino e Clarice Lispector: amizade perto do coração", sob orientação do Prof. Drº Edgar Cézar Nolasco, pelo PPGMEL (Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens) pela UFMS. E-mail para contato: lucia_jbc@hotmail.com

[2]É Coordenador do NECC - Núcleo de Estudos Culturais Comparados, Editor-Presidente dos CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS. Atualmente está desenvolvendo estágio de Pós-Doutorado no PACC na UFRJ. Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1992), mestrado em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Minas Gerais (1997) e doutorado em Literatura Comparada também pela Universidade Federal de Minas Gerais (2003). Atualmente é professor dos cursos de Graduação e Pós-Graduação nível Mestrado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. É Membro do GT de Literatura Comparada da ANPOLL. É membro do conselho editorial das Revistas - Papéis (UFMS) e RAÍDO - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras (UFGD). E-mail para contato: ecnolasco@uol.com.br.

muerte del escritor minero investigación desarrollamos vino a proporcionar una acción de este tipo . Recuerde que la supervivencia también es posible gracias a la amistad entre Fernando, Clarice y yo, pero la relación se da por medio metafóricos, como Jacques Derrida propone en las Políticas de la amistad (2003). Otro aspecto a ser discutido en el artículo se refiere al gesto de homenaje realizado, en un primer momento, por el escritor minero y más tarde por mí. Por tanto, el fundamento teórico que impregnan la obra es biográfica y crítica la crítica poscolonial, y algunos de los autores están de mencionar, además de a sí mismo Derrida, Francisco Ortega, Eneida Maria de Souza, Silviano Santiago, Walter Mignolo, Edgar Cezar Nolasco y otros.
***PALABRAS CLAVE**: Amistad. Epitaph. Sabino. Lispector. Archivo.*

THE EPITAPH ON FRIENDSHIP

ABSTRACT

The present work has as its object the book Letters near the heart (2001), with the letters between Fernando Sabino and Clarice Lispector, and proposes research issues such as: friendship beyond the epitaph, which presupposes a critical action that provides the friend of survival in case friends. In this sense we can speak in layers of survival, since the launch of the book charts in 2001, Fernando Sabino was the first to provide survival to her friend, and after the death of miner writer, research began to develop that foster such action . Remember that survival is also made possible by the friendship between Fernando, Clarice and I, but the relationship is given by metaphorical means, as proposed by Jacques Derrida on friendship Policies (2003). Another aspect to be discussed in the article concerns the gesture of homage undertaken, at first, by the mining writer and later by me. Thus, the theoretical foundation that permeate the work is biographical and critical post-colonial criticism, and some of the authors to be mentioned are, beyond Derrida himself, Francisco Ortega, Eneida Maria de Souza, Silviano Santiago, Walter Mignolo, EdgarCezarNolasco among others.
***KEYWORDS**: Friendship. Epitaph. Sabino. Lispector. Archive.*

CAMPO GRANDE, 13 DE NOVEMBRO DE 2014

Enfim, depois de tanto erro passado
Tantas retaliações, tanto perigo
Eis que ressurge noutro o velho amigo
Nunca perdido, sempre reencontrado [...]

(MORAES, 1960, sp).

Naquele momento, compreendi o único sentido que a amizade pode ter hoje. A amizade é indispensável ao homem para o bom funcionamento de sua memória. Lembrar-se do passado, carregá-lo sempre consigo é talvez condição necessária para conservar, como se diz, a integridade do seu eu. Para que o eu não se encolha, para que guarde seu volume, é preciso regar as lembranças como flores num vaso e essa rega exige um contato regular com testemunhas do passado, quer dizer, com os amigos. Eles são nosso espelho; nossa memória; não exigimos nada deles, a não ser que de vez em quando nos lustrem esse espelho para que possamos nos olhar nele.

(KUNDERA, 1998, p.43).

Início a explanação esclarecendo dois pontos relevantes para o artigo como um todo. O primeiro diz respeito as duas epígrafes escolhidas que impulsionam toda a primeira parte do texto e que são sintomáticas, no sentido de ressaltarem a condição da amizade enquanto relação humana e sua relevância estendida para diversos campos. O segundo ponto gira em torno da estrutura visual do artigo, haja visto que o mesmo foi escrito tal como se escreve uma carta, e não deixa de sê-lo, na medida do possível em que respeita os elementos que compõem o âmbito das missivas. Tal escolha é um gesto carregado de significados, dentre eles, o de ser uma opção que almeja trazer um certo ar fresco, doravante conhecido como o ato de renovar e, por consequência, procurar um caminho ainda não trilhado pelo usual de produção no meio acadêmico.

A discussão que pretendo elaborar neste artigo propõe o debate em torno de conceitos específicos, mais concernentes ao campo da crítica biográfica, como os laços afetivos, sendo um deles a amizade, as cartas e a própria inserção do sujeito crítico no seu discurso teórico, justificando, por isso, o uso da primeira pessoa no desenrolar da ação.

O artigo é dividido em três momentos, o primeiro diz respeito a uma discussão mais teórica em torno dos conceitos que serão trabalhados. Em um segundo momento ilustrarei a discussão desenvolvida até então com o objeto de estudo. Vale lembrar que tal posição assumida por mim não tenciona preterir o objeto, *Cartas perto do coração*, em detrimento da teoria, mas, ao contrário, o que pretendo é demonstrar a relação entre os (des)conceitos aqui trabalhados, desvinculados de uma noção teórica tradicional e hegemônica, a partir das cartas de Fernando Sabino e Clarice Lispector.

Trato primeiramente da relação do crítico com o seu objeto de estudo e com o seu discurso, posto que se trata do estágio introdutório de quem começa uma pesquisa, e parto do princípio de que o pesquisador, seja ele de qualquer área, nutre algum afeto e admiração pelo seu objeto, neste momento lembro-me das palavras de Jacques Derrida em *De que amanhã*: dialogo (2004): "Não falo do que não admiro" (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004, p. 14). A inserção do crítico possibilita desconceitualizar o próprio modo de fazer crítica, por meio de ensaios, debates, artigos etc e, por extensão, propicia a desconceitualização de conceitos para, tal como a expressão que nomeia esta primeira parte de minha argumentação, (des)aprender. Sob este ponto de vista a crítica biográfica me proporciona embasamento para a relação com o meu objeto de estudo, pois assim como propõe Eneida Maria de Souza em *Janelas Indiscretas*: ensaios de crítica biográfica:

> A distinta dicção da crítica biográfica frente ao ensaio de vocação teórica ou de natureza interpretativa reside na condensação entre ficção e teoria, narratividade e argumento teórico. Nesse sentido, há maior liberdade criativa por parte do crítico, por revigorar o enredo narrativo e permitir associações entre texto e contexto, obra e vida, arte e cultura. (SOUZA, 2011b, p. 09).

Mas, não é somente a partir do arcabouço teórico oferecido pela crítica biográfica que articulo teoricamente, haja vista que também procuro a confluência desta com a pós-ocidentalismo. Esta última contribuirá para minha reflexão no sentido de que, ao propor pensar fora do eixo hegemônico e da crítica tradicional, permitirá conceber a amizade como um (des)conceito. Posto que tanto a palavra quanto o ato sofrem uma ligeira modificação ante a inclusão de um terceiro sujeito a ser citado mais adiante.

PARA PENSAR UMA TRÍPLICE AMIZADE

> [...] apesar de a amizade que tenho por mim mesmo não ser aumentada por qualquer ajuda que eu me dê quando precisar [...] e assim, como não sinto nenhuma gratidão pelos favores que faço a mim mesmo, também a união de amigos verdadeiros, ao ser perfeita, acaba com a exigência de tais deveres, leva-os a odiar e expulsar da relação as palavras de divisão e diferença, como favores, obrigações, gratidão, pedido, agradecimentoe seus semelhantes. (MONTAIGNE, 2012, p. 35).

Ágape, irmandade, estabilidade, família. São palavras que pululam no imaginário coletivo quando o assunto a ser discutido é a amizade. Esse grupo refere-se a uma percepção acoplada ao familiar, ao fraternal, mas igualmente encontra conotações na religião, como é o caso da ágape, isto é, a amizade vista a partir dessa perspectiva implica o entendimento de que a mesma é o amor ao próximo, com a finalidade de atingir a plena comunhão com deus. No âmbito da literatura é valido lembrar que a amizade encontra eco na questão dos precursores, ou seja, a amizade permite que um escritor escolha seus precursores pela afinidade, seja ela intelectual ou por ter interesses em comum. Em ensaio intitulado “Notas sobre a crítica biográfica”, Eneida Maria de Souza explana que:

> [...] é possível estabelecer laços de amizade literária entre os autores, substituindo-se a tradicional metáfora familiar, que corresponderia à construção de modelos literários a partir dos conceitos de influência e de tradição cultural, herança recebida pelo autor de forma passiva e conforme as exigências da crítica, notadamente de caráter historicista. A relação de amizade implica a escolha de seus precursores pelo escritor, à maneira da formula consagrada por Borges, o que acarreta a formação de um círculo imaginário de amigos reunidos por interesses comuns, parceiros que se unem pela produção de um vínculo nascido da região fantasmática da literatura. (SOUZA, 2002a, p. 48).

Ademais de tais formulações que emergem do âmbito da amizade há ainda uma outra que procura romper, não no sentido de desconsiderar reflexões concebidas anteriormente, mas no intuito de prosseguir e ir além.Uma amizade pós-ocidental é um modo de, ao (des)conceitualizar o que se entende por essa relação, cumprir com o objetivo proposto, visto que em se tratando de crítica não há, ou pelo menos não deveria existir, o congelamento epistemológico.

Cabe mencionar, neste instante de minha argumentação e com a finalidade de esclarecimento, como se deu essa relação de amizade.A princípio a relação se deu de forma indireta quando Clarice manda para Sabino um exemplar autografado do livro *Perto do coração selvagem* (1943). Posteriormente os dois são apresentados por um amigo em comum, Rubem Braga, em seguida Clarice vai para a Europa e passa a se corresponder com Sabino, sendo que as cartas trocadas entre os escritores datam de 1946 e perduram até 1969, quando a escritora volta para o Brasil e a partir de então ambos mantem um contato mais regular e direto.A respeito dessa relação o escritor mineiro relata que:

> Tocávamos idéias sobre tudo. Submetíamos nossos trabalhos um ao outro. Juntos reformulávamos nossos valores e descobríamos o mundo, ébrios de mocidade. Era mais do que paixão pela Literatura, ou de um pelo outro, não formulada, que unia dois jovens 'perto do coração selvagem da vida': o que transparece em nossas cartas é uma espécie de pacto secreto entre nós dois, solidários ante o enigma que o futuro reservava para o nosso destino de escritores. (LISPECTOR; SABINO, 2011, p. 08).

No final da parte introdutória deste artigo mencionei que a concepção de amizade, ao ser (des)conceitualizada, é alterada mediante a inclusão de um terceiro sujeito, referindo-me ao crítico, ou de um modo mais preciso a pessoa que vos escreve. Tal discussão teórica desenvolvida neste artigo, além do meu interesse, do meu fascínio, isto é a "sedução" mencionada por Souza, que as cartas dos dois escritores exercem sobre mim enquanto pesquisadora, me permitem pensar em uma amizade distinta da relação entre Fernando Sabino e Clarice Lispector, uma vez que me insiro como amiga dos dois escritores. Minha inserção possibilita uma leitura particular e, por extensão, uma percepção outra das cartas e da própria relação de amizade. Trata-se, em outras palavras, de uma amizade para além do túmulo, e metafórica, uma vez que os dois escritores já morreram. Sobre o assunto Suzana Albornoz, na esteira de Jacques Derrida, em *Ó meus amigos, não há amigos*!: reflexões sobre a amizade, explana que:

> [...] o amigo morto vive através da lembrança do amigo sobrevivente. Sobreviver ao amigo, fazer-lhe o discurso de despedida e homenagem [...] e manter sua memória enquanto sobrevivente, é ao mesmo tempo a essência, a origem e a possibilidade, a

> condição de possibilidade de amizade; esse tempo de sobrevivência é a dimensão da amizade. (ALBORNOZ, 2010, p.138).

Nesse sentido, ao me posicionar como amiga de um e outro, em uma amizade que por necessidade assume tons metafóricos, são Fernando Sabino e Clarice Lispector que, tal como explana a citação acima,vivem através de minha memória. Posso afirmar, por conseguinte,que este trabalho, em especial, desenvolvido por mim, bem como a pesquisa de um modo geral, cujo nascimento remonta ao ano de 2011 e culmina em pesquisa para o Programa de Mestrado em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do sul, é o meu gesto de uma homenagem póstuma para com eles.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Suzana *et al*. *Ó meus amigos, não há amigos*!: reflexão sobre a amizade. Porto Alegre: Movimento, 2010.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elizabeth. *De que amanhã*: diálogo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

MONTAIGNE, Michel de. *Sobre a amizade*. Rio de Janeiro: Tinta negra, 2012.

MORAES, Vinicius. "Soneto do amigo". Disponível em: http://pensador.uol.com.br/frase/NTQ1OTg/. Disponivel em: 20 de agosto de 2014.

KUNDERA, Milan. *A identidade*. Trad. Teresa Bulhões de Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.43.

SABINO, Fernando; LISPECTOR, Clarice. *Cartas perto do coração*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SOUZA, Eneida M. de. *Critica cult*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

_____. *Janelas Indiscretas*: ensaios de crítica biográfica. Belo Horizonte: UFMG, 2011.